

Um café com Sêneca: um guia estoico para a arte do viver, de David Fidler¹

Aldo Dinucci²

É para mim uma alegria escrever uma resenha sobre o novo livro de David Fidler: *Um café com Sêneca: um guia estoico para a arte do viver*. Muitos livros sobre o estoicismo foram escritos, seja para fins acadêmicos, seja visando a popularização, mas o livro de Fidler tem a virtude de tratar de alguns assuntos que foram esquecidos pelos escritores recentes, embora sejam temas cruciais para a compreensão da cosmovisão estoica.

Primeiro, Fidler estabelece uma relação com Sêneca que se assemelha à dos antigos estoicos. As antigas escolas de filosofia promoviam a amizade em dois sentidos principais: os estudantes de filosofia estabeleciam laços de amizade com os filósofos tardios, fundadores da escola, através dos seus livros, que estudavam incessantemente; e mestres e discípulos também se tornavam amigos enquanto discutiam e desenvolviam as ideias principais da escola. Foi exatamente essa a relação que David criou com Sêneca, seu mestre em estoicismo:

Agora, quando possível, nas minhas manhãs ideais, saio de casa, deixo meu filho na escola e vou à academia. Depois, compro um café com leite e me acomodo a uma mesa do Hotel Central, um suntuoso edifício da época do Império Austro-Húngaro. Pego meu ebook com as Cartas a Lucílio (ou apenas Cartas) completas, peço uma omelete e tomo café da manhã com Sêneca. Esse é meu ritual matinal favorito. Ninguém faz ideia do que estou

¹ Resenha de: FIDELER, David. *Um café com Sêneca: um guia estoico para a arte do viver*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Sextante, 2022.

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), pesquisador honorário da Universidade de Kent (UK) e pesquisador em produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: aldinucci@gmail.com

lendo, muito menos de quase sempre é o mesmo autor, e geralmente leio uma ou duas cartas antes de voltar para casa. Sêneca enfatizava que a filosofia e a amizade devem andar juntas. Segundo ele, “a primeira promessa da verdadeira filosofia é um sentimento de companheirismo, simpatia e comunhão com outras pessoas”³.

Esta é uma lição muito importante geralmente deixada de lado pela versão moderna do estoicismo que infelizmente se popularizou nos últimos anos, uma visão que acessa o estoicismo como se fosse uma espécie de busca individualista voltada ao sucesso pessoal na sociedade, que não concorda de modo algum com o estoicismo antigo.

Podemos compreender como o estoicismo, na Antiguidade, fomentou a irmandade entre os humanos a partir das seguintes premissas: (i) em todas as almas humanas há fragmentos de *Deus* (logos); (ii) portanto, neste sentido, nós, humanos, somos todos filhos e filhas de Deus; (iii) consequentemente, os humanos são irmãos e irmãs. Este *logos*, a inteligência que Deus (ou a Natureza) partilhou conosco, permite-nos compreender as leis do Cosmos, do qual somos partes importantes.

Fideler aborda os temas da amizade e da fraternidade no estoicismo em muitas oportunidades ao longo de seu livro, como, por exemplo, no capítulo 13, o qual toca em outro tema muito importante e esquecido no estoicismo: a questão da gratidão.

Os livros modernos sobre estoicismo geralmente enfatizam a chamada dicotomia de controle, pela qual distinguimos entre coisas que dependem de nós (sob nosso controle) e não dependem de nós (não sob nosso controle). Segundo esta interpretação, ligada à distinção de Epicteto anunciada tanto no primeiro capítulo de suas *Diatribes* como no primeiro capítulo de seu *Manual*, devemos nos ocupar com as coisas que dependem de nós e não nos importar com as demais.

Isso é, em certa medida, realmente correto, mas não é toda a verdade. Tomada por si só, essa dicotomia leva o indivíduo a pensar que só precisa se preocupar consigo mesmo (seus julgamentos, impulsos e uso de apresentações) e não com as coisas externas. Isto é um erro, como aponta Epicteto nas diatribes 2.1 a 2.6, embora os externos não sejam coisas boas ou más por si só, são os materiais sobre os quais opera a nossa capacidade de escolha. Em outras palavras, essas coisas exteriores nos possibilitam a própria prática das virtudes, pois, sem elas, nenhuma ação seria possível.

Essas considerações levam Epicteto à questão da gratidão: depois de aplicar a dicotomia do controle (ou, como Kelli Rudolph e eu a chamamos, o Teorema Ontológico) sobre as coisas e classificá-las em boas ou más (internas) e indiferentes (externas), nós devemos ser gratos ao Cosmos tanto pelas coisas externas, por tornarem possível a prática das virtudes e a conquista da felicidade, como também pelas coisas internas, pois Deus (ou a Natureza) nos deu liberdade a todos nós para usarmos os materiais dados de um modo virtuoso ou excelente.

Fideler desenvolve longamente este tema, por um lado, do ponto de vista pessoal, como quando fala do seu falecido pai e como substituiu a tristeza pela sua perda pela gratidão por ter tido um pai assim e, por outro lado, do ponto de vista acadêmico, oferecendo-nos um panorama de estudos recentes sobre o tema da gratidão.

³ FIDELER, *Um café com Sêneca: um guia estoico para a arte do viver*, p. 11.

Depois de apresentar uma taxonomia que distingue três tipos de gratidão (gratidão pessoal ou cívica, gratidão teísta (a uma divindade pessoal) e gratidão cósmica (à Natureza, ao Cosmos e à existência)), Fidler conclui corretamente que Sêneca, em particular, e o estoicismo, em geral, aderem ao último tipo, enfatizando que é um sentimento diferente de gratidão:

Sêneca acreditava que os seres humanos deveriam ser gratos a “Deus” e à “Natureza”. Mas, como os estoicos eram panteístas, Sêneca observou cuidadosamente que os termos “Deus” e “Natureza” são intercambiáveis. Panteísmo não é ateísmo, mas também não é teísmo... A gratidão é uma resposta à generosidade, especialmente a um presente sem motivos⁴.

No que diz respeito ao estoicismo em si, Fidler merece um lugar de honra entre os escritores contemporâneos sobre o assunto, apresentando-nos, de forma clara, concisa e destacada, muitos aspectos importantes do estoicismo tradicional, tornando a leitura do seu livro uma experiência esclarecedora tanto para acadêmicos quanto para leigos. Por tudo isso, recomendo fortemente a leitura de *Um café com Sêneca: um guia estoico para a arte do viver* a todos os interessados em estoicismo e filosofia.

⁴ FIDELER, *Um café com Sêneca: um guia estoico para a arte do viver*, p. 11.